

O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS EM PERSPECTIVA: UMA ANÁLISE DE QUOTA DE MERCADO CONSTANTE*

João Amador**

Sónia Cabral**

1. INTRODUÇÃO

As variações da quota de mercado de um país nas exportações mundiais resultam de vários factores interrelacionados. Em primeiro lugar, os desenvolvimentos macroeconómicos internos e externos influenciam os indicadores relativos de competitividade preço/custo das exportações. Em segundo lugar, os factores estruturais de longo prazo, como a dotação de factores produtivos, tecnologia e instituições, afectam a competitividade global e a especialização sectorial das exportações. Em terceiro lugar, as ligações geográficas e culturais condicionam o desempenho das exportações e a sua distribuição pelos diversos parceiros comerciais. Finalmente, a dinâmica dos fluxos de comércio internacional, determinada, em parte, pela entrada de novos intervenientes, afecta mecanicamente as quotas de mercado de cada país. Desta forma, a análise do desempenho das exportações deve ser colocada em perspectiva, estudando períodos temporais longos de modo a identificar tendências e comparando os resultados com um conjunto de países de referência.

Esta discussão revela-se útil para a economia portuguesa pois as quotas de mercado das exportações têm vindo a apresentar uma evolução decepcionante ao longo da última década. Numa pequena economia aberta como a portuguesa, deteriorações no desempenho exportador tendem a reflectir-se negativamente no crescimento económico, contribuindo para a divergência do rendimento real *per capita* face à área do euro observada nos últimos anos.

Este artigo analisa a evolução das quotas de mercado portuguesas nas exportações mundiais no período 1968-2006, comparando-a com a observada noutros países do Sul da Europa e na Irlanda e considerando o impacto da especialização sectorial e geográfica sobre o comportamento agregado das quotas. Para isso é utilizada a metodologia de quota de mercado constante, tal como apresentada por Nyssens e Pouillet (1990). A variação total de quota de mercado das exportações portuguesas, em termos nominais, é decomposta em três principais parcelas aditivas e analiticamente interpretáveis: um efeito quota de mercado, traduzindo as variações efectivas de quota em cada mercado individual país/produto, e dois termos adicionais que analisam em que medida a distribuição por mercados geográficos e a composição por produtos das exportações portuguesas afectaram a evolução da quota de mercado total. Outras aplicações da metodologia de quota de mercado constante às exportações portuguesas podem ser encontradas em Abreu e Manteu (1993), Cabral (2004) e Cabral e Esteves (2006). Em ECB (2005) é incluída uma análise deste tipo para as exportações da área do euro.

O maior contributo deste artigo resulta do longo horizonte temporal analisado, que permite uma caracterização das quotas de mercado das exportações portuguesas em períodos de reforma estrutural, durante diversas fases do processo de integração económica europeia e sob diferentes regimes ma-

* Os autores agradecem os comentários de Jorge Correia da Cunha e Cristina Manteu. As opiniões expressas no artigo são as dos autores e não coincidem necessariamente com as do Banco de Portugal ou do Eurosistema. Todos os eventuais erros e omissões são da exclusiva responsabilidade dos autores.

** Departamento de Estudos Económicos, Banco de Portugal.

croeconómicos. Adicionalmente, é fornecida uma perspectiva comparativa dos principais resultados da análise de quota de mercado constante, uma vez que a metodologia é aplicada a um conjunto de países de referência, nomeadamente Espanha, Grécia, Irlanda e Itália. Em acréscimo, a análise centra-se na evolução da quota das exportações portuguesas nos mercados mundiais no seu conjunto, e não apenas numa amostra de produtos ou destinos geográficos. Utiliza-se também um elevado detalhe por produtos (118 itens) e por mercados geográficos (79 países ou grupos de países). No entanto, esta informação estatística detalhada encontra-se apenas disponível em termos nominais, o que impõe alguma cautela na interpretação dos resultados obtidos.

O artigo está organizado da seguinte forma. A Secção 2 revê a metodologia utilizada para decompor as variações de quota de mercado das exportações e descreve a base de dados. A Secção 3 apresenta os resultados da análise de quota de mercado constante e começa por comparar os principais resultados de Portugal com os obtidos para Espanha, Grécia, Irlanda e Itália ao longo dos últimos quarenta anos. A análise detalhada dos resultados de Portugal é apresentada também nesta Secção. A Subsecção 3.3 examina as dimensões por produto e geográfica do efeito quota de mercado e a Subsecção 3.4 centra-se no efeito estrutura combinada. A Secção 4 apresenta algumas conclusões.

2. ANÁLISE DE QUOTA DE MERCADO CONSTANTE: METODOLOGIA E DADOS

A análise de quota de mercado constante é um método contabilístico que permite decompor *ex-post* as variações das quotas de mercado globais de um determinado país ao longo do tempo. Esta metodologia é especialmente útil para separar e quantificar a contribuição do padrão de comércio do país (em termos de produtos e mercados geográficos) do contributo de outros factores. O interesse deste método de análise, que se utiliza com fins descritivos e não explicativos, resulta principalmente da sua simplicidade e facilidade de execução, conjugada com a capacidade de identificar elementos determinantes do comportamento diferenciado de uma dada variável. Esta técnica foi inicialmente utilizada em estudos de variáveis como o emprego ou a produtividade do trabalho no âmbito da economia regional, onde é mais conhecida como análise de *shift-share*. Esta metodologia foi posteriormente aplicada a estudos dos fluxos de comércio internacional, onde foi utilizada pela primeira vez por Tyszynski (1951)¹. A principal ideia subjacente à análise de quota de mercado constante é a de que a estrutura das exportações de um determinado país afecta o seu crescimento global, independentemente das variações de outros factores, como sejam os associados à evolução da competitividade. Como referido por Magee (1975), mesmo que um país mantenha a sua quota em cada produto em cada destino geográfico, pode-se registar uma redução da sua quota de mercado agregada se ele exporta para mercados individuais que crescem menos do que a média mundial.

De acordo com a formulação sugerida por Nyssens e Pouillet (1990), a variação total da quota das exportações portuguesas no mercado mundial, o Efeito Total (*TE*), é aproximada pela diferença entre o crescimento do total de exportações portuguesas da indústria transformadora (*g*) e o crescimento do total de exportações da indústria transformadora do resto do mundo (*g**), isto é:

$$TE = g - g^* = \sum_i \sum_j \theta_{ij} g_{ij} - \sum_i \sum_j \theta_{ij}^* g_{ij}^* \quad (1)$$

(1) Para uma descrição detalhada da metodologia de quota de mercado constante, suas diversas formulações e aplicações em estudos de economia regional, veja-se Loveridge e Selting (1998). Para uma aplicação influente desta metodologia às exportações, veja-se Leamer e Stern (1970).

em que $g_{ij} = \frac{X_{ij,t} - X_{ij,t-1}}{X_{ij,t-1}}$ é a variação percentual das exportações portuguesas do produto i para o país j no período t , $\theta_{ij} = \frac{X_{ij,t-1}}{\sum_i \sum_j X_{ij,t-1}}$ é o peso do produto i para o país j no total de exportações portuguesas no período $t-1$, e g_{ij}^* e θ_{ij}^* são as noções equivalentes para as exportações mundiais (excluindo o país em análise).

Se o crescimento das exportações portuguesas é superior (inferior) ao das exportações mundiais, então o TE é positivo (negativo), correspondendo a um ganho (perda) de quota de mercado de Portugal. Este TE pode ser decomposto em dois termos: um que resulta de variações efectivas de quota em cada mercado individual, o Efeito Quota de Mercado (MSE); e outro resultante da influência da especialização relativa do país, o Efeito Estrutura Combinada (CSE). A noção de mercado individual utilizada aqui refere-se a cada mercado ij , medido como as exportações do produto i para o país de destino j .

$$TE = MSE + CSE \quad (2)$$

Efeito Quota de Mercado (MSE) – A diferença entre a taxa de crescimento das exportações portuguesas e das exportações mundiais em cada período, excluindo a influência das diferenças de especialização relativa. Assumindo como dada a estrutura produtiva/geográfica das exportações portuguesas, comparam-se as taxas de crescimento das exportações portuguesas e mundiais de cada produto i para cada país de destino j . O MSE para um determinado produto i (país j) pode ser obtido através da soma em $j(i)$ deste efeito.

$$MSE = \sum_i \sum_j \theta_{ij} (g_{ij} - g_{ij}^*) \quad (3)$$

Efeito Estrutura Combinada (CSE) – A evolução relativa de cada mercado individual de destino (definida como a diferença entre o seu crescimento e o crescimento total das exportações mundiais) ponderada pela importância relativa desse mercado para Portugal (definida como a diferença entre o seu peso no total de exportações portuguesas e no total de exportações mundiais). O termo de especialização relativa ($\theta_{ij} - \theta_{ij}^*$) compara estruturas de exportação, fornecendo assim informação equivalente à do tradicional índice de vantagens comparativas reveladas de Balassa (1965). O CSE mede a parte da variação total da quota de mercado que resulta da influência da especialização por produtos e geográfica do país. Em cada período, o CSE será positivo se Portugal estiver relativamente mais (menos) especializado em mercados individuais com um crescimento acima (abaixo) da média; o CSE será negativo se Portugal estiver relativamente menos (mais) especializado em mercados individuais com um crescimento acima (abaixo) da média.

$$CSE = \sum_i \sum_j (\theta_{ij} - \theta_{ij}^*) (g_{ij}^* - g^*) \quad (4)$$

O CSE considera o efeito conjunto da especialização produtiva e geográfica das exportações, mas pode ser ainda decomposto em três termos, de forma a medir separadamente os efeitos da composição por produtos e geográfica:

$$CSE = PSE + GSE + MIX \quad (5)$$

Efeito Estrutura por Produto (PSE) – mede a parte da variação total da quota de mercado resultante da especialização relativa por produtos das exportações portuguesas.

$$PSE = \sum_i (\theta_i - \theta_i^*) (g_i^* - g^*) \quad (6)$$

em que $g_i^* = \frac{\sum_j \theta_{ij}^* g_{ij}^*}{\theta_i^*}$ é a variação percentual das exportações mundiais do produto i no período t ,

$\theta_i = \sum_j \theta_{ij}$ é o peso do produto i no total de exportações portuguesas no período $t - 1$, e θ_i^* é a noção equivalente para as exportações mundiais.

Efeito Estrutura Geográfica (*GSE*) – mede o impacto da especialização relativa por destinos geográficos das exportações portuguesas.

$$GSE = \sum_j (\theta_j - \theta_j^*) (g_j^* - g^*) \quad (7)$$

em que $g_j^* = \frac{\sum_i \theta_{ij}^* g_{ij}^*}{\theta_j^*}$ é a variação percentual das exportações mundiais para o país j no período t ,

$\theta_j = \sum_i \theta_{ij}$ é o peso do país j no total de exportações portuguesas no período $t - 1$, e θ_j^* é a noção equivalente para as exportações mundiais.

Efeito Estrutura Mista (*MIX*) – é um termo residual que resulta do facto das estruturas por produtos e geográfica não serem independentes, pelo que a soma dos efeitos por produto e geográfico não é igual ao efeito estrutura combinada. A opção escolhida foi calcular e apresentar este efeito de interação separadamente de forma a controlar a sua magnitude.

$$MIX = \sum_i \sum_j \left[(\theta_{ij} - \theta_{ij}^*) - (\theta_i - \theta_i^*) \frac{\theta_{ij}^*}{\theta_i^*} - (\theta_j - \theta_j^*) \frac{\theta_{ij}^*}{\theta_j^*} \right] g_{ij}^* \quad (8)$$

A análise de quota de mercado constante tornou-se popular na literatura empírica de comércio internacional apesar de continuadas críticas quer quanto à ausência de fundamentos teóricos quer quanto a diversas insuficiências da sua própria aplicação empírica. Richardson (1971a, b) discute as principais críticas e limitações apontadas a esta metodologia e contribui de forma significativa para a compreensão da sua natureza contabilística. Este método foi progressivamente melhorado e Milana (1988) apresentou soluções satisfatórias para alguns dos maiores problemas da decomposição tradicional de quota de mercado constante. Alguns estudos recentes de quota de mercado constante que consideram a maioria dos melhoramentos empíricos sugeridos na literatura incluem os trabalhos de Simonis (2000), Foresti (2004) e ECB (2005)². No entanto, permanecem ainda diversas questões associadas à implementação empírica da análise de quota de mercado constante. A mais relevante e duradoura crítica é de que os diversos efeitos da decomposição de quota de mercado constante variam de acordo com o nível de desagregação considerado (por produtos e por países). Com efeito, a análise pode ser aplicada a diversos níveis de desagregação produto/mercado de destino e os resultados não são independentes dessa escolha. A decisão arbitrária sobre o nível de desagregação a utilizar é geralmente determinada pela disponibilidade de informação.

A formulação utilizada neste artigo inclui alguns dos refinamentos sugeridos na literatura. Em primeiro lugar, nós utilizamos a estrutura do período inicial no cálculo dos efeitos estruturais como nas formulações tradicionais, mas os cálculos são efectuados anualmente e os efeitos são depois adicionados ao

(2) Chepeta et al. (2005) utilizam uma formulação alternativa numa análise recente de *shift-share* aplicada ao comércio internacional.

longo do tempo para obter efeitos plurianuais³. Em segundo lugar, na formulação tradicional os efeitos estrutura por produto e geográfica são calculados de forma assimétrica e, dependendo da sequência de cálculo, um deles irá incluir o efeito estrutura mista. A solução adoptada aqui foi considerar este efeito de interacção explicitamente e, assim, decompor o efeito estrutural em três blocos (produto, geográfico e misto) que são independentes da ordem de decomposição. Em terceiro lugar, de modo a evitar distorções, o valor das exportações portuguesas foi excluído do agregado das exportações mundiais ao nível mais detalhado. Dada a relativamente reduzida dimensão da economia portuguesa, esta correcção tem uma influência pequena nos resultados, mas pode ter um impacto significativo quando o país em causa tem quotas de mercado elevadas.

A informação de comércio internacional utilizada neste artigo foi obtida da base de dados *CEPII – CHELEM*, que reporta fluxos bilaterais de comércio de bens em termos nominais (a unidade é o dólar norte-americano)⁴. O período analisado começa em 1967 e acaba em 2006. Todos os cálculos bilaterais foram efectuados em termos nominais devido à ausência de informação em volume com o nível de detalhe por produtos e geográfico adequado ao longo de um período tão alargado. Em resultado não é possível distinguir entre as componentes volume e preço na evolução das quotas de mercado. Adicionalmente, toda a informação de exportações está denominada em dólares norte-americanos, pelo que o comportamento das quotas de mercado é mecanicamente influenciado pelas variações da taxa de câmbio do dólar norte-americano⁵. Desta forma, a interpretação dos resultados deve ser efectuada com cautela, uma vez que variações cambiais e de preços têm um impacto na evolução das quotas de mercado que não é considerado nesta análise. A nossa base de dados bilateral inclui 79 países ou grupos de países (contando com Portugal que é depois excluído do agregado mundial) e 121 produtos da indústria transformadora, com uma desagregação por produtos a quatro dígitos da *International Standard Industrial Classification (ISIC) rev.3*. A informação relativa a produtos energéticos, como refinados do petróleo, petroquímica e combustível nuclear, foi excluída da análise para evitar distorções associadas à elevada volatilidade dos preços do petróleo, resultando em 118 produtos activos⁶. Todos os cálculos de quota de mercado constante foram efectuados ao nível mais detalhado por produto e os resultados para os 118 produtos da indústria transformadora foram posteriormente agregados de acordo com a sua intensidade tecnológica, seguindo a classificação da OCDE de intensidade em I&D. Esta classificação tecnológica muito utilizada inclui quatro sectores principais: alta-tecnologia, média-alta-tecnologia, média-baixa-tecnologia e baixa-tecnologia; e um segundo nível de desagregação que inclui dezanove subsectores, excluindo energia⁷. O Anexo A apresenta a lista de países e grupos de países incluídos na nossa amostra e o Anexo B inclui a classificação de produtos por intensidade tecnológica com os respectivos códigos *ISIC*.

(3) A análise de quota de mercado constante é aplicada em termos discretos, embora a estrutura de exportações de qualquer país varie de forma contínua. Diversos pesos de agregação podem ser escolhidos para transpor uma formulação de tempo contínuo para tempo discreto, *i.e.*, o problema dos números índice como referido por Milana (1988) que sugere a utilização de pesos médios.

(4) Veja-se De Saint-Vaulry (2008) para uma descrição detalhada desta base de dados.

(5) Utilizando o exemplo incluído em ECB (2005), se a parcela de comércio denominado em dólares norte-americanos é menor nas exportações portuguesas do que nas exportações mundiais, uma apreciação do dólar norte-americano resultará, *ceteris paribus*, numa redução da quota de mercado de Portugal.

(6) Dado o elevado nível de detalhe utilizado, diversas observações apresentam um valor nulo, o que impossibilita o cálculo da sua taxa de variação no ano seguinte. De modo a não excluir estas observações da análise, os valores nulos foram substituídos por um número muito pequeno, como 0.0000001, não afectando a taxa de variação do total de exportações.

(7) Como referido anteriormente, os resultados podem mudar significativamente com as classificações por produtos utilizadas. No entanto, todos os cálculos foram replicados utilizando o segundo nível de desagregação da classificação da OCDE de intensidade em I&D e, nos países considerados, os principais resultados mantiveram-se globalmente inalterados. Contudo, esta situação não deve ser vista como um resultado geral para todos os países.

3. PRINCIPAIS RESULTADOS

3.1. Portugal versus alguns países de referência

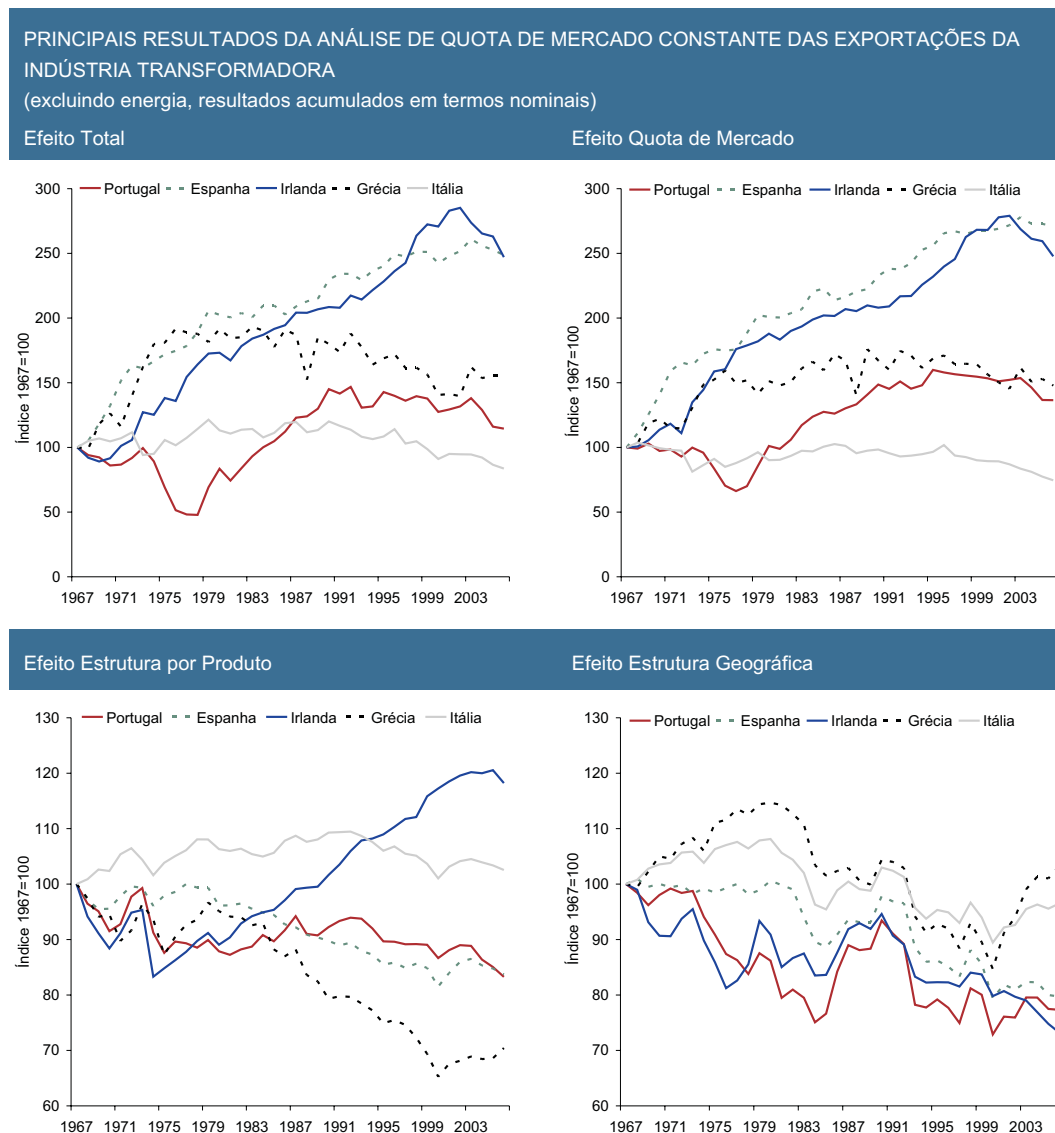
Esta Subsecção analisa a decomposição resultante da metodologia da quota de mercado constante, comparando Portugal com quatro países de referência – Espanha, Grécia, Irlanda e Itália. Ao longo da década de noventa, os primeiros três países de referência, conjuntamente com Portugal, eram geralmente designados por “países da coesão” pois o seu rendimento *per capita* era claramente inferior ao da média da União Europeia (UE)⁸. Relativamente a Itália, observa-se uma estrutura sectorial das exportações com algumas semelhanças face à portuguesa e, nas últimas décadas, têm sido registados sérios problemas de competitividade com impacto negativo no crescimento económico e no desempenho das exportações.

A metodologia descrita na Secção anterior foi aplicada aos dados dos cinco países seleccionados e o Gráfico 1 apresenta os resultados anuais em termos acumulados. No que se refere ao efeito total, existem diferenças marcadas entre os países. As exportações portuguesas apresentam um crescimento acumulado da sua quota de mercado no período 1968-2006 de 14.5 por cento. Este aumento é superior ao verificado em Itália, onde a quota das exportações totais diminuiu 16.4 por cento em termos acumulados no mesmo período, mas inferior ao da Grécia (aumento acumulado de quota de mercado de 55.7 por cento). Em contraste, as quotas de exportação de Irlanda e Espanha nos mercados mundiais registaram um aumento acentuado neste período, de cerca de 150 por cento em termos acumulados. Nos últimos anos verificou-se uma redução das quotas de mercado destes países (com excepção da Grécia), parcialmente relacionada com a entrada progressiva de novos países no comércio mundial. Estas novas pressões competitivas são colocadas por economias de mercado emergentes localizadas na Europa central e de Leste e, sobretudo, na Ásia oriental, particularmente a China. No entanto, refira-se que, nos casos da Irlanda e de Espanha, as fortes perdas de quota observadas desde 2003 e 2004, respectivamente, se sucedem a substanciais ganhos acumulados anteriormente. Tal situação não se verificou nos casos de Portugal e Itália. A Grécia tem globalmente mantido a sua quota de mercado total nos anos mais recentes, apesar de registar um declínio em relação a meados dos anos oitenta.

Nos cinco países seleccionados, a decomposição do efeito total ao longo do período em análise indica que o efeito quota de mercado é o principal elemento determinante da evolução das quotas de mercado totais, seguindo assim os resultados acima descritos. Um ponto interessante é o comportamento muito diferente do efeito quota de mercado em Portugal no período 1974-77, quando comparado com as economias de referência. A perda cumulativa de 33.6 por cento de quota de mercado efectiva neste período coincide com três choques que atingiram a economia portuguesa, reduzindo substancialmente a sua competitividade externa. Em primeiro lugar, apesar de não ter um carácter idiossincrático, o choque petrolífero de 1973 afectou directamente os indicadores de preço/custo nos anos seguintes. Em segundo lugar, a revolução de 1974 traduziu-se numa desorganização de parte da actividade económica e os subseqüentes aumentos reais de salários deterioraram substancialmente os custos unitários do trabalho relativos. Em terceiro lugar, o processo de descolonização reduziu os fluxos de comércio com um conjunto de mercados africanos preferenciais. A competitividade foi

(8) O Fundo de Coesão, iniciado em 1994, é um instrumento estrutural que visa apoiar os Estados-Membros da União Europeia (UE) a reduzir as disparidades económicas e sociais e a estabilizar as suas economias. Os Estados-Membros elegíveis são aqueles onde o produto nacional bruto (PNB) *per capita* é inferior a 90% da média da UE. Até ao final de 2003, quatro Estados-Membros – Espanha, Grécia, Portugal e Irlanda - eram elegíveis para o Fundo de Coesão. A avaliação intercalar da Comissão Europeia de 2003 declarou a Irlanda (PNB de 101% da média da UE) como inelegível para o Fundo de Coesão a partir de 1 de Janeiro de 2004.

Gráfico 1



relançada após 1977, na sequência de políticas de redução e alteração na composição da despesa, em parte associadas a um acordo de estabilização económica com o FMI. As quotas de mercado efectivas de Portugal recuperaram até meados da década de noventa, mas perderam dinamismo posteriormente. A recente diminuição das quotas das exportações portuguesas deverá parcialmente reflectir a deterioração dos indicadores de competitividade baseados em custos relativos, num contexto de acrescida concorrência nos mercados mundiais associada à integração de novas economias no comércio internacional⁹.

Existem também diferenças entre os países considerados em termos do efeito combinado da estrutura sectorial e geográfica das exportações, mesmo se este não é o efeito dominante subjacente à evolução global das quotas de mercado. Nos casos de Portugal e Espanha, o impacto da estrutura de exportações é negativo, tanto em termos de distribuição geográfica como de composição por produ-

(9) Veja-se Esteves e Reis (2005) para uma discussão sobre a deterioração das taxas de câmbio efectivas na economia portuguesa, incluindo um elevado número de países competidores e considerando diferenças na especialização sectorial.

tos. Em contraste, o efeito estrutura combinada é ligeiramente positivo nos casos da Grécia e de Itália. Na Grécia, verifica-se um pequeno impacto positivo da distribuição geográfica das exportações e, em Itália, observa-se um pequeno contributo positivo da especialização sectorial. No caso da Irlanda, o impacto combinado da composição sectorial e geográfica é nulo neste período. Por um lado, existe uma influência muito positiva da composição por produtos das exportações irlandesas, o que reforça os ganhos efectivos de quota de mercado registados. Por outro lado, as exportações irlandesas têm sido dirigidas sobretudo para mercados geográficos com crescimento inferior à média, gerando um efeito estrutura geográfica negativo neste período.

A comparação de Portugal com os países de referência em termos de estrutura geográfica e por produtos oferece alguns resultados interessantes. O contraste entre a evolução acumulada do efeito estrutura por produtos em Portugal e na Irlanda é revelador. Ambos os países registaram uma evolução muito negativa em meados da década de setenta, significando que a estrutura sectorial não correspondia aos produtos onde as exportações mundiais eram mais dinâmicas. No entanto, nas décadas seguintes os desenvolvimentos foram muito diferentes. A Irlanda foi bem sucedida na alteração da sua estrutural sectorial de exportações para produtos mais dinâmicos, contribuindo para aumentar a sua quota de mercado total, enquanto Portugal não o fez. Este facto é consistente com a informação disponível relativamente à dinâmica do padrão de especialização irlandês durante as últimas décadas (veja-se Amador *et al.* (2007)). Quanto a Espanha e, sobretudo, à Grécia o efeito da estrutura sectorial foi também desfavorável, enquanto a Itália parece ter registado um efeito positivo, mas de reduzida dimensão.

Quanto à evolução do efeito estrutura geográfica, o resultado interessante é a semelhança observada nestes países durante as décadas de oitenta e noventa. Esta evolução reflecte a acrescida importância dos mercados europeus para os países considerados, traduzida por um maior peso do comércio intracomunitário e por um peso do comércio com os Estados Unidos da América (EUA) inferior ao da média mundial. De facto, na medida em que a integração europeia torne a estrutura geográfica das exportações dos Estados-Membros mais uniforme, resultarão percursos semelhantes para o efeito estrutura geográfica. No entanto, alguns desenvolvimentos distintos são visíveis no período mais recente. O efeito estrutura geográfica é mais favorável no caso da Grécia e, em menor grau, de Itália do que nos outros três países analisados. No caso grego, esta evolução reflecte um contributo positivo da não especialização no mercado americano, que cresceu abaixo da média mundial neste período, e da maior especialização nos mercados dinâmicos da Bulgária e da Roménia, recentemente liberalizados. O contributo positivo do mercado dos EUA para o efeito estrutura geográfica no período mais recente é evidente em todos os países considerados, com excepção da Irlanda onde o peso das exportações para os EUA ultrapassa a média mundial desde 2002. No entanto, o principal contributo para o efeito estrutura geográfica negativo registado na Irlanda no período 2002-2006 resultou da forte especialização das exportações irlandesas no mercado do Reino Unido. Finalmente, a não especialização destes cinco países no dinâmico mercado chinês contribuiu negativamente para a evolução global da quota de mercado das suas exportações desde a década de noventa¹⁰.

3.2. Resultados gerais para Portugal

Nesta Subsecção analisamos em maior detalhe os resultados obtidos para Portugal. O Quadro 1 e o Gráfico 2 decompõem a variação total de quota de mercado das exportações portuguesas utilizando a metodologia de quota de mercado constante descrita na Secção 2. Com o intuito de facilitar a análise,

(10) Em ECB (2005) é também referido um significativo contributo negativo do efeito estrutura geográfica em resultado da não especialização das exportações da área do euro no mercado chinês.

Quadro 1

PRINCIPAIS RESULTADOS DA ANÁLISE DE QUOTA DE MERCADO CONSTANTE DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA
(excluindo energia, resultados médios em termos nominais)

	Variação das exportações portuguesas	Variação das exportações mundiais	Efeito Total	Efeito Quota de Mercado	Efeito Estrutura Combinada	do qual:		
						Efeito Estrutura por Produto	Efeito Estrutura Geográfica	Efeito Estrutura Mista
1968-71	10.7	14.0	-3.3	-0.4	-2.9	-1.8	-0.2	-0.9
1972-76	14.2	21.3	-7.0	-5.6	-1.5	-0.6	-2.4	1.5
1977-81	18.7	14.1	4.6	5.7	-1.1	-0.5	-1.6	0.9
1982-86	12.9	5.4	7.6	5.5	2.1	0.9	0.9	0.3
1987-91	18.2	12.3	5.9	3.8	2.1	0.3	1.4	0.4
1992-96	8.9	9.2	-0.4	2.5	-2.9	-0.7	-2.7	0.5
1997-01	0.9	3.0	-2.1	-1.4	-0.7	-0.3	-0.3	-0.1
2002-06	9.9	12.9	-3.0	-2.9	0.0	-1.0	0.2	0.7
1997-06	5.4	8.0	-2.5	-2.1	-0.4	-0.6	0.0	0.3
1968-06	11.8	11.5	0.4	0.9	-0.6	-0.4	-0.6	0.4

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

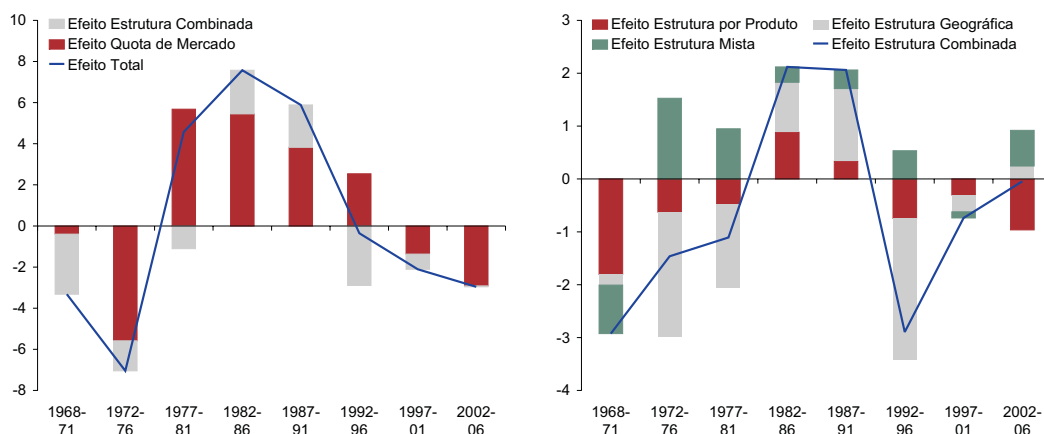
Nota: Os resultados de cada período são calculados como a média dos resultados individuais obtidos para cada ano.

Gráfico 2

PRINCIPAIS RESULTADOS DA ANÁLISE DE QUOTA DE MERCADO CONSTANTE DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA
(excluindo energia, resultados médios em termos nominais)

Decomposição do Efeito Total

Decomposição do Efeito Estrutura Combinada



Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

a informação foi organizada em períodos de cinco anos, considerando a média dos respectivos resultados anuais (os resultados anuais são apresentados no Anexo C).

A quota total de Portugal nas exportações mundiais registou um crescimento médio anual de 0.4 por cento no período 1968-2006. No entanto, os resultados diferem substancialmente ao longo do tempo. Os primeiros dois períodos considerados, do final dos anos sessenta até meados da década de setenta, são caracterizados por uma substancial redução da quota de mercado global. Nos três perío-

dos seguintes, do final dos anos setenta até ao início da década de noventa, o crescimento das exportações portuguesas foi mais elevado do que o crescimento do total das exportações mundiais, resultando num efeito total positivo. Esta situação foi revertida nos últimos três períodos considerados, que evidenciam uma evolução progressivamente mais negativa da quota de mercado total das exportações portuguesas.

O efeito quota de mercado, com um ganho efectivo médio anual de 0.9 por cento no período 1968-2006, foi o factor dominante na explicação da variação total das quotas de mercado na maioria dos períodos. A principal excepção é o período 1992-96 onde existe um efeito quota de mercado positivo, mas uma redução total de quota reflectindo um efeito estrutura geográfica muito negativo. Adicionalmente, o efeito quota de mercado foi apenas marginalmente negativo no primeiro período, com a composição sectorial relativa das exportações portuguesas a influenciar negativamente a evolução da quota de mercado total.

O contributo do efeito estrutura combinada foi negativo na média do período 1968-2006, reflectindo quer a especialização por produtos quer a distribuição geográfica das exportações portuguesas. De facto, o impacto da composição sectorial e geográfica das exportações portuguesas foi negativo na maioria dos períodos. As excepções são os períodos 1982-86 e 1987-91, onde é evidente um significativo efeito positivo da estrutura combinada por produtos e, sobretudo, por mercados geográficos. Nos últimos dois períodos analisados, a influência do efeito estrutura combinada das exportações portuguesas é menos relevante do que no passado, apesar de se detectar um importante impacto negativo da composição por produtos no período 2002-2006.

As duas Subsecções seguintes decompõem o efeito quota de mercado e o efeito estrutura combinada em Portugal. No que diz respeito a este último efeito, os contributos da estrutura por produtos e geográfica são detalhados separadamente, *i.e.*, individualizando os produtos/destinos que mais contribuíram para os resultados. No entanto, a separação entre os efeitos por produto e geográfico não é exacta, uma vez que as estruturas não são independentes e existe um termo residual de interacção. Este efeito estrutura mista, que não será analisado individualmente, inclui impactos quer da estrutura por produtos quer da estrutura geográfica das exportações. Quanto ao efeito quota de mercado, lembre-se que este pode ser detalhado quer para um produto específico i (somando em j os efeitos individuais ij) quer para um país específico j (somando em i os efeitos individuais ij), *i.e.*, na análise deste efeito os contributos dos mercados geográficos e dos produtos não podem ser somados.

3.3. Efeito quota de mercado em Portugal

3.3.1. Decomposição por produtos

Nos primeiros dois períodos considerados, os resultados apontam para uma considerável perda efectiva de quota de mercado das exportações portuguesas, especialmente concentrada nos anos de 1975-76. Este facto resulta essencialmente de perturbações na produção de diversos sectores, do aumento dos custos unitários do trabalho e da perda de mercados preferenciais em África, após a revolução de 1974 e a descolonização. O Quadro 2 apresenta o contributo de cada produto para o efeito quota de mercado, utilizando uma classificação por intensidade tecnológica. As perdas efectivas de quota de mercado referidas registam-se sobretudo em sectores de baixa-tecnologia. Esta evolução reflecte essencialmente os contributos negativos do item “joalharia e artigos similares”, incluído no sector de “manufacturas n.e. e reciclagem”, e do sector de “produtos alimentares, bebidas e tabaco”. Considerando o nível detalhado de desagregação da *ISIC* a 4-dígitos, as perdas de quota de mercado deste último sector encontram-se especialmente concentradas nos itens “conservação de peixe e

Quadro 2

DECOMPOSIÇÃO POR PRODUTOS DO EFEITO QUOTA DE MERCADO DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

(excluindo energia, resultados médios em termos nominais, contributos em pontos percentuais)

	1968-71	1972-76	1977-81	1982-86	1987-91	1992-96	1997-01	2002-06
Produtos de Alta-Tecnologia	0.6	-0.5	0.3	-0.3	0.0	0.5	0.5	0.1
Aeronáutica e aeroespacial	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0	0.0	0.1	-0.1
Produtos farmacêuticos	0.0	-0.1	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	-0.1
Equipamento de escritório e informática	0.1	0.0	0.0	-0.2	-0.1	-0.1	0.2	0.1
Equipamento de rádio, TV e comunicações	0.4	-0.4	0.0	0.0	0.0	0.5	0.2	0.2
Instrumentos médicos, ópticos e de precisão	0.1	0.0	0.1	0.0	0.0	0.1	-0.1	0.0
Produtos de Média-Alta-Tecnologia	0.4	-0.8	1.2	0.9	1.9	2.2	-0.4	-0.7
Máquinas e aparelhos eléctricos n.e.	0.2	0.0	-0.1	0.2	0.5	0.5	-0.4	-0.5
Veículos a motor, reboques e semi-reboques	0.1	-0.1	0.4	0.6	0.8	1.6	0.0	-0.6
Produtos químicos, excepto farmacêuticos	0.0	-0.9	0.2	0.6	0.1	-0.1	-0.1	0.3
Equipamento ferroviário e equip. transporte n.e.	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0
Outras máquinas e equipamentos, n.e.	0.0	0.2	0.6	-0.5	0.4	0.1	0.2	0.1
Produtos de Média-Baixa-Tecnologia	-0.5	-0.3	0.6	0.9	0.1	0.3	0.1	0.5
Produtos da borracha e do plástico	-0.1	-0.2	0.0	0.1	0.2	0.1	0.1	0.2
Outros produtos minerais não metálicos	-0.1	-0.2	0.4	0.2	0.4	0.1	-0.1	0.1
Construção e reparação naval	-0.1	0.1	-0.2	0.2	-0.3	0.0	-0.1	0.0
Metalurgia de base	-0.3	0.2	0.1	0.4	-0.1	0.0	0.2	0.2
Fabricação prod. metálicos, excl. maquinaria	0.0	-0.2	0.4	0.0	0.1	0.1	0.0	0.1
Produtos de Baixa-Tecnologia	-0.8	-4.0	3.6	4.0	1.9	-0.5	-1.6	-2.9
Manufacturas n.e. e reciclagem	-0.8	-1.2	0.6	-0.2	-0.1	0.0	0.0	-0.1
Madeira, pasta, papel e publicações	0.8	0.0	0.6	0.5	0.0	-0.1	-0.1	-0.5
Produtos alimentares, bebidas e tabaco	-1.6	-2.1	-0.5	0.0	0.1	0.1	-0.1	0.2
Têxteis, vestuário, couros e calçado	0.7	-0.8	3.0	3.6	1.9	-0.4	-1.3	-2.4
Total	-0.4	-5.6	5.7	5.5	3.8	2.5	-1.4	-2.9

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

Nota: Os resultados de cada período são calculados como a média dos resultados individuais obtidos para cada ano.

produtos da pesca”, “óleos e gorduras de origem vegetal e animal”, “transformação de cereais e leguminosas” e “vinhos”.

Nos quatro períodos seguintes, entre os anos de 1977 e 1996, registaram-se ganhos efectivos de quota de mercado das exportações em mercados específicos, o que sugere uma melhoria da competitividade externa da economia portuguesa. Refira-se que a evolução da economia portuguesa neste período foi marcada pelas crises de balança de pagamentos e pelos acordos de estabilização com o FMI de 1978 e 1983. A estabilização das condições macroeconómicas e a significativa melhoria da competitividade observadas no final dos anos setenta foram baseadas numa conjugação de elevadas taxas de juro, limites domésticos ao crédito, reduções da despesa pública, diminuições de salários reais e depreciações da moeda num regime de *crawling-peg*¹¹. Em 1981, a crise internacional que se seguiu ao choque do petróleo de 1979, em conjunto com a valorização do escudo e com a redução da sua taxa mensal de depreciação em 1980, traduziu-se numa redução das quotas de mercado em diversos sectores importantes, contribuindo, assim, para a segunda crise de balança de pagamentos¹². No entanto, a reintrodução e intensificação das políticas de estabilização contribuíram para uma recuperação efectiva das quotas de mercado nos anos seguintes (vejam-se os resultados anuais no Anexo C).

(11) Relembre-se que a nossa análise é efectuada em termos nominais e denominada em dólares norte-americanos. Deste modo, depreciações da moeda nacional têm um impacto negativo imediato nas quotas de mercado nominais das exportações, embora um efeito líquido positivo tenda a suceder posteriormente à medida que as quantidades exportadas aumentam devido à melhoria da competitividade-preço.

(12) Abreu e Manteu (1993) observaram também uma substancial perda efectiva de quota de mercado em 1981, quer em volume quer em valor.

O maior contributo para os aumentos efectivos de quota de mercado nos três períodos de 1977 a 1991 resultou do sector de baixa-tecnologia de “têxteis, vestuário, couros e calçado”. Ao nível mais detalhado, os maiores ganhos de quota de mercado ocorreram em “artigos de vestuário, excepto de couro”, “calçado” e “artigos e tecidos de malha”. Este desempenho positivo beneficiou da adesão à Comunidade Económica Europeia em 1986, que possibilitou o acesso a mercados de maior dimensão para sectores onde Portugal detinha uma vantagem comparativa. Tal trajectória foi revertida no período 1992-96, com as exportações portuguesas a perderem quota no sector de “têxteis, vestuário, couros e calçado”. Esta evolução reflectiu essencialmente as reduções de quota de mercado em “artigos de vestuário, excepto de couro”, continuando a registar-se ganhos significativos em “calçado”. No período 1992-96, o contributo mais significativo para o ganho efectivo de quota de mercado resultou do sector de média-alta-tecnologia, em particular de “veículos a motor, reboques e semi-reboques”. Estes ganhos de quota de mercado foram especialmente elevados entre 1995 e 1997, coincidindo com a implementação em Portugal de significativos projectos de investimento directo estrangeiro no sector automóvel. No entanto, já se haviam registado alguns ganhos nos três períodos anteriores. No período 1992-96, verificaram-se também importantes ganhos de quota de mercado no item de alta-tecnologia “aparelhos receptores e gravadores de rádio e televisão”.

Como ilustrado no Quadro 2, as reduções de quota de mercado do sector de baixa-tecnologia de “têxteis, vestuário, couros e calçado” contribuíram de forma significativa para o efeito quota de mercado negativo observado nos períodos entre 1997 e 2006. A liberalização do mercado de têxteis da UE com a anulação progressiva do Acordo sobre Têxteis e Vestuário contribuiu certamente para esta evolução¹³. Com efeito, a crescente participação no mercado internacional de novos intervenientes com baixos custos de produção e muito especializados neste sector aumentou a concorrência para os exportadores portugueses¹⁴. Ao nível de desagregação mais detalhado, as perdas de quota mais elevadas ocorreram em “artigos de vestuário, excepto de couro”, mas os itens “calçado”, “artigos têxteis confeccionados, excepto vestuário” e “artigos e tecidos de malha” contribuíram também de forma negativa. No período 2002-06, verificou-se igualmente uma diminuição da quota de mercado das exportações portuguesas do sector de baixa-tecnologia de “madeira, pasta, papel e publicações”, reflectindo essencialmente as perdas de quota nos itens “pasta, papel e cartão” e “outros produtos de madeira, cortiça e cestaria”. Adicionalmente, as exportações portuguesas de “veículos a motor, reboques e semi-reboques” também perderam quota nos mercados mundiais no período 2002-06.

3.3.2. Decomposição geográfica

No seguimento da análise anterior, esta Subsecção centra-se na identificação dos destinos geográficos que mais contribuíram para o efeito quota de mercado. Para facilitar a análise, os períodos de cinco anos foram agregados em intervalos de ganhos efectivos (1977-96) e de perdas efectivas (1968-76 e 1997-06) de quota de mercado. O Quadro 3 inclui os cinco principais contributos positivos e negativos para as variações efectivas de quota das exportações portuguesas em cada um dos três intervalos seleccionados.

As perdas de quota das exportações portuguesas no Reino Unido e no grupo de países africanos menos desenvolvidos (África LDCs), que inclui os cinco países africanos de língua oficial portuguesa, constituíram os principais contributos geográficos para o efeito quota de mercado no período

(13) Em 1993, o acordo do Uruguay Round definiu um período de 10 anos para o desmantelamento progressivo das barreiras ao comércio existentes no Acordo Multifibras e no Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV). No que se refere ao ATV, o processo faseado de liberalização ocorreria em 1995 (16 por cento), 1998 (17 por cento), 2002 (18 por cento) e 2005 (49 por cento). Para mais detalhes, veja-se Francois *et al.* (2007).

(14) Veja-se Cardoso e Esteves (2008) para uma análise do impacto dos produtores com baixos custos nos preços internacionais.

Quadro 3

DECOMPOSIÇÃO GEOGRÁFICA DO EFEITO QUOTA DE MERCADO DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

(excluindo energia, resultados médios em termos nominais, contributos em pontos percentuais)

Cinco principais contributos positivos	1968-76	1977-96	1997-06		
Antiga URSS	0.28	Alemanha	1.20	Espanha	0.17
Suécia	0.21	França	1.00	Singapura	0.08
Noruega	0.18	Espanha	0.58	Polónia	0.03
Alemanha	0.16	P. Baixos	0.35	África LDCs	0.03
Itália	0.10	África LDCs	0.26	Malásia	0.02
Cinco principais contributos negativos	1968-76	1977-96	1997-06		
Canadá	-0.13	Tailândia	-0.01	P. Baixos	-0.13
Estados Unidos	-0.30	Japão	-0.02	BLEU	-0.18
Bangladesh	-0.86	Brasil	-0.04	Reino Unido	-0.22
Reino Unido	-0.92	Antiga URSS	-0.05	França	-0.29
África LDCs	-1.72	Golfo	-0.13	Alemanha	-0.90
Efeito Quota de Mercado	1968-76	1977-96	1997-06		
	-3.3	4.4	-2.1		

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

Nota: Os resultados de cada período são calculados como a média dos resultados individuais obtidos para cada ano. BLEU inclui Bélgica e Luxemburgo. Para mais detalhe sobre os países incluídos em cada área geográfica, veja-se Anexo A.

1968-79. Significativas reduções de quota das exportações portuguesas foram também observadas nos EUA e no Canadá¹⁵.

No período 1977-1996, os aumentos de quota das exportações portuguesas nos mercados alemão e francês foram a principal explicação para o efeito quota de mercado positivo observado. Outros mercados de destino na UE contribuíram também positivamente para a evolução das quotas de mercado neste período, em particular Espanha e Países Baixos. Adicionalmente, verificaram-se também ganhos de quota de mercado das exportações nos países africanos menos desenvolvidos.

No período entre 1997 e 2006, as principais perdas de quota das exportações portuguesas encontram-se concentradas no mercado da UE. As diminuições de quota nos mercados da Alemanha, França, Reino Unido, Países Baixos e Bélgica/Luxemburgo forneceram um contributo significativo para o efeito quota de mercado. Esta evolução reflecte a concorrência acrescida que as empresas portuguesas enfrentam no mercado da UE, à medida que novos parceiros comerciais se integram num mercado mundial em rápido crescimento. A principal excepção é o mercado espanhol, onde as exportações portuguesas continuaram a ganhar quota, embora a um ritmo inferior ao de períodos anteriores. As exportações portuguesas também continuaram a aumentar ligeiramente a sua quota no mercado dos países africanos menos desenvolvidos. Singapura, Polónia e Malásia surgem como novos destinos geográficos onde ligeiros ganhos de quota de mercado foram obtidos neste período.

(15) O resultado do Bangladesh neste período reflecte sobretudo um problema estatístico em 1972: as exportações portuguesas para o Bangladesh são praticamente nulas e as exportações mundiais para o Bangladesh registam um crescimento anormalmente elevado. A combinação destes dois factos resultou num contributo negativo substancial do Bangladesh.

3.4. Efeito estrutura combinada em Portugal

3.4.1. Efeito estrutura por produto

Esta Subsecção identifica os produtos individuais que mais contribuíram para a evolução do efeito estrutura por produto utilizando a desagregação por intensidade tecnológica referida anteriormente (Quadro 4). Na média do período 1968-2006, a especialização sectorial relativa das exportações portuguesas não beneficiou a evolução global da quota de mercado¹⁶. O contributo da estrutura por produtos foi negativo na maioria dos períodos, embora não muito significativo. O efeito negativo mais relevante resultou da elevada especialização relativa das exportações portuguesas em produtos de baixa-tecnologia em períodos em que as exportações mundiais destes produtos cresceram abaixo da média. Os efeitos negativos observados nos primeiro e último períodos são exemplos desta situação, com o sector de “têxteis, vestuário, couros e calçado” a dar um contributo importante. Adicionalmente, as exportações portuguesas apresentam um mau posicionamento na generalidade dos produtos de elevado crescimento, como sejam os produtos de alta-tecnologia que cresceram acima da média em quase todos os períodos. No período mais recente, a não especialização das exportações portu-
guesas

Quadro 4

DECOMPOSIÇÃO DO EFEITO ESTRUTURA POR PRODUTO DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

(excluindo energia, resultados médios em termos nominais, contributos em pontos percentuais)

	1968-71	1972-76	1977-81	1982-86	1987-91	1992-96	1997-01	2002-06
Produtos de Alta-Tecnologia	-0.2	0.2	-0.1	-0.2	-0.4	-0.4	-0.8	0.2
Aeronáutica e aeroespacial	0.0	0.1	-0.1	0.1	-0.2	0.2	-0.1	0.2
Produtos farmacêuticos	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	-0.1	-0.1	-0.1
Equipamento de escritório e informática	-0.1	0.0	-0.1	-0.2	-0.1	-0.2	-0.2	0.2
Equipamento de rádio, TV e comunicações	-0.1	0.1	0.2	0.0	-0.1	-0.4	-0.3	0.0
Instrumentos médicos, ópticos e de precisão	0.0	0.0	-0.1	-0.1	0.0	0.0	-0.1	0.0
Produtos de Média-Alta-Tecnologia	-0.7	-0.2	0.1	0.0	0.3	0.2	0.2	-0.1
Máquinas e aparelhos eléctricos n.e.	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0
Veículos a motor, reboques e semi-reboques	-0.6	0.0	0.1	-0.3	0.2	0.1	0.1	0.0
Produtos químicos, excepto farmacêuticos	-0.1	-0.1	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0	-0.1
Equipamento ferroviário e equip. transporte n.e.	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Outras máquinas e equipamentos, n.e.	0.0	-0.1	0.0	0.4	0.1	0.0	0.2	-0.1
Produtos de Média-Baixa-Tecnologia	0.4	-0.1	0.0	0.5	0.1	0.0	0.1	-0.4
Produtos da borracha e do plástico	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Outros produtos minerais não metálicos	0.0	0.0	0.0	0.1	0.0	-0.1	0.0	-0.1
Construção e reparação naval	0.0	-0.1	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Metalurgia de base	0.3	0.0	-0.1	0.4	0.1	0.1	0.1	-0.3
Fabricação prod. metálicos, excl. maquinaria	0.0	0.0	0.0	0.1	0.0	0.0	0.0	0.0
Produtos de Baixa-Tecnologia	-1.3	-0.6	-0.5	0.6	0.4	-0.6	0.1	-0.7
Manufacturas n.e. e reciclagem	-0.1	0.0	-0.1	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Madeira, pasta, papel e publicações	-0.6	-0.1	-0.2	-0.2	0.0	-0.1	0.0	-0.2
Produtos alimentares, bebidas e tabaco	0.1	-0.2	0.0	0.2	0.0	0.0	0.1	0.0
Têxteis, vestuário, couros e calçado	-0.6	-0.2	-0.3	0.6	0.4	-0.5	0.0	-0.5
Total	-1.8	-0.6	-0.5	0.9	0.3	-0.7	-0.3	-1.0

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

Nota: Os resultados de cada período são calculados como a média dos resultados individuais obtidos para cada ano.

(16) Veja-se Amador *et al.* (2007) para uma análise detalhada da especialização por produtos das exportações portuguesas ao longo dos últimos quarenta anos.

sas nestes produtos teve um pequeno efeito positivo na quota global, uma vez que as exportações mundiais destes produtos cresceram abaixo da média. Os períodos com um efeito estrutura por produto positivo, 1982-86 e 1987-91, traduziram essencialmente o facto de alguns produtos onde Portugal se encontra relativamente mais especializado terem registado uma taxa de crescimento acima da média, nomeadamente o sector de baixa-tecnologia de “têxteis, vestuário, couros e calçado”. Outro impacto positivo significativo na maioria dos períodos resultou do sector de média-baixa-tecnologia de “metalurgia de base”. As exportações portuguesas não se encontram especializadas nestes bens, pelo que o crescimento abaixo da média das exportações mundiais destes produtos se traduziu num impacto positivo no efeito estrutura por produto. No entanto, no período mais recente, “metalurgia de base” foi o sector com maior dinamismo nos mercados mundiais de exportação, tornando-se o seu contributo negativo. O mesmo ocorreu, mas em menor grau, com o sector de média-alta-tecnologia de “outras máquinas e equipamentos, n.e.”.

3.4.2. Efeito estrutura geográfica

Esta Subsecção examina o contributo de cada mercado de destino para o efeito estrutura geográfica. O Quadro 5 apresenta os cinco principais contributos positivos e negativos em cada período. Considerando a média dos últimos quarenta anos, a especialização geográfica das exportações portuguesas teve um impacto desfavorável sobre a evolução global das quotas de mercado. Os contributos negativos encontram-se sobretudo concentrados em três períodos: 1972-76, 1977-81 e 1992-96. Entre 1972 e 1981, o principal contributo resultou do mercado dos países africanos menos desenvolvidos, reflectindo a elevada especialização relativa das exportações portuguesas neste mercado e o crescimento abaixo da média das exportações mundiais para estes países. O significativo impacto negativo da estrutura geográfica no período 1992-96 reflectiu essencialmente o facto das exportações mundiais para países da UE terem apresentado um crescimento abaixo da média e das exportações portuguesas se encontrarem relativamente mais especializadas nestes mercados¹⁷. Em contraste, o contributo positivo mais elevado do efeito estrutura geográfica das exportações portuguesas ocorreu no período 1987-91. Este efeito esteve relacionado sobretudo com a evolução de alguns mercados da UE que cresceram acima da média e que representam uma parcela importante das exportações portuguesas, em particular Espanha, Alemanha e França. Adicionalmente, a não especialização das exportações portuguesas nos mercados da América do norte também contribuiu positivamente, uma vez que as exportações mundiais para os EUA e para o Canadá registaram um crescimento abaixo da média no período 1987-91. Em termos gerais, o efeito estrutura geográfica mais significativo desde os anos oitenta, com excepção do período 1992-96, esteve relacionado com o mercado espanhol. Com efeito, este mercado registou uma taxa de crescimento acima da média e representa uma parcela elevada e sustentada das exportações portuguesas, o que naturalmente aumenta a sensibilidade da economia portuguesa ao ciclo económico espanhol. Em oposição, a não especialização das exportações portuguesas no mercado chinês traduziu-se num importante contributo negativo nos anos mais recentes, dado o elevado crescimento das exportações mundiais para a China neste período.

(17) Este efeito negativo da estrutura geográfica foi muito significativo em 1993, quer para Portugal quer para os outros quatro países de referência seleccionados. Dois factos são dignos de nota em 1993. Em primeiro lugar, a posição cíclica da maioria dos países da UE correspondia a uma recessão. Em segundo lugar, 1993 foi o ano de entrada em funcionamento do Mercado Único Europeu, o que inicialmente implicou alguns problemas de reporte dos dados de comércio internacional, dada a redução dos controlos alfandegários na UE.

Quadro 5

DECOMPOSIÇÃO DO EFEITO ESTRUTURA GEOGRÁFICA DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

(excluindo energia, resultados médios em termos nominais, contributos em pontos percentuais)

Cinco principais contributos positivos	1968-71	1972-76	1977-81	1982-86			
África LDCs	0.2	Estados Unidos	0.2	Reino Unido	0.4	Arábia Saudita	0.3
Índia	0.1	Alemanha	0.1	Polónia	0.1	México	0.2
P. Baixos	0.1	Canadá	0.1	Golfo	0.1	Espanha	0.2
Canadá	0.1	Índia	0.1	Canadá	0.1	Alemanha	0.2
Austrália	0.1	União Sul-africana	0.0	Itália	0.1	Nigéria	0.2
Cinco principais contributos negativos	1968-71	1972-76	1977-81	1982-86			
Antiga Jugoslávia	-0.1	Antiga URSS	-0.2	Arábia Saudita	-0.1	Japão	0.0
BLEU	-0.1	Arábia Saudita	-0.3	México	-0.2	Coreia do Sul	-0.1
Estados Unidos	-0.1	Reino Unido	-0.5	Estados Unidos	-0.2	China	-0.1
Alemanha	-0.2	Golfo	-0.5	Suécia	-0.3	África LDCs	-0.3
Reino Unido	-0.6	África LDCs	-0.5	África LDCs	-0.4	Estados Unidos	-0.7
Efeito Estrutura Geográfica	1968-71	1972-76	1977-81	1982-86			
	-0.2	-2.4	-1.6	0.9			
Cinco principais contributos positivos	1987-91	1992-96	1997-01	2002-06			
Espanha	0.9	Itália	0.1	Espanha	0.2	Espanha	0.5
Estados Unidos	0.7	Canadá	0.1	Japão	0.1	Estados Unidos	0.5
Alemanha	0.3	Golfo	0.1	Singapura	0.1	Japão	0.2
França	0.2	Arábia Saudita	0.0	Coreia do Sul	0.1	África LDCs	0.2
Canadá	0.1	BLEU	0.0	Tailândia	0.1	Canadá	0.1
Cinco principais contributos negativos	1987-91	1992-96	1997-01	2002-06			
México	-0.1	Espanha	-0.2	França	-0.1	França	-0.1
Singapura	-0.1	China	-0.2	China	-0.1	Golfo	-0.1
Taiwan	-0.1	África LDCs	-0.2	México	-0.2	Reino Unido	-0.2
Coreia do Sul	-0.1	França	-0.3	Alemanha	-0.2	Antiga URSS	-0.2
Japão	-0.3	Alemanha	-0.5	Estados Unidos	-0.5	China	-0.4
Efeito Estrutura Geográfica	1987-91	1992-96	1997-01	2002-06			
	1.4	-2.7	-0.3	0.2			

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.

Nota: Os resultados de cada período são calculados como a média dos resultados individuais obtidos para cada ano. BLEU inclui Bélgica e Luxemburgo. Para mais detalhe sobre os países incluídos em cada área geográfica, veja-se Anexo A.

4. Conclusões

Este artigo analisa a evolução da quota de mercado nominal das exportações portuguesas nos mercados mundiais no período 1968-2006, utilizando uma desagregação detalhada em termos sectoriais e geográficos. As alterações efectivas de quota em cada mercado individual são isoladas dos efeitos decorrentes da especialização geográfica e por produtos das exportações, utilizando uma metodologia de quota de mercado constante como proposta por Nyssens e Pouillet (1990). No entanto, uma vez que a análise de quota de mercado constante é uma metodologia descritiva e contabilística, não fornece informação sobre os factores explicativos das variações nas quotas de mercado das exportações.

Na média dos últimos quarenta anos, a taxa de variação das exportações portuguesas foi ligeiramente superior à das exportações mundiais, levando a um crescimento médio anual da quota de mercado total de 0.4 por cento. Esta evolução contrasta com o observado na Irlanda e em Espanha, cujas quotas nas exportações mundiais cresceram a uma média anual de 3.8 por cento entre 1968 e 2006. É possível identificar períodos com evoluções distintas nas quotas de mercado das exportações portuguesas, correspondendo a diversos choques que afectaram a economia, diferentes regimes macroeconómicos e a uma progressiva integração económica com a União Europeia. É visível uma diminuição da quota de mercado total das exportações portuguesas nos dois primeiros períodos de cinco anos considerados, correspondendo aos anos entre 1968 e 1976. Inversamente, os três períodos seguintes até 1991 são caracterizados por um aumento da quota de mercado global. Finalmente, nos últimos três períodos, de 1992 a 2006, observa-se uma redução gradual da quota portuguesa nas exportações mundiais.

Os resultados desta análise de quota de mercado constante indicam que, na maioria dos períodos, o contributo dominante para a evolução global da quota de mercado das exportações portuguesas resultou das alterações efectivas de quota em cada mercado individual, *i.e.*, do efeito quota de mercado. Um resultado semelhante é encontrado para os países de referência considerados.

No período 1968-76, registou-se uma significativa perda efectiva de quota de mercado das exportações portuguesas, centrada principalmente em produtos de baixa-tecnologia como alimentação, bebidas e tabaco. Em termos de mercados de destino, os principais contributos para as reduções efectivas de quota neste período foram o Reino Unido e o grupo dos países africanos de expressão portuguesa. O período 1977-96 é caracterizado por ganhos efectivos de quota de mercado das exportações portuguesas. Em termos sectoriais, verificaram-se aumentos substanciais de quota de mercado em sectores de baixa-tecnologia como têxteis, vestuário e calçado nos três períodos de 1977 a 1991. Em 1992-1996, a principal contribuição para o efeito quota de mercado positivo resultou do sector de média-alta-tecnologia de veículos automóveis. Em termos geográficos, os maiores contributos positivos no período 1977-96 resultaram do mercado da União Europeia, sobretudo da Alemanha e de França, mas também de Espanha e dos Países Baixos. Ocorreram também aumentos da quota de mercado das exportações portuguesas no grupo dos países africanos de expressão portuguesa. Finalmente, no período entre 1997 e 2006, as exportações portuguesas registaram reduções consideráveis de quota nos têxteis, vestuário e calçado. No período 2002-06 as exportações portuguesas de veículos automóveis e de madeira e pasta de papel também perderam quota nos mercados mundiais. Quanto aos destinos geográficos, as principais perdas de quota no período 1997-06 registaram-se no mercado da União Europeia. A principal excepção foi o mercado espanhol, onde as exportações portuguesas continuaram a ganhar quota, embora menos do que em períodos anteriores.

A composição relativa das exportações portuguesas ao longo do período 1968-2006 teve um impacto negativo sobre a evolução global das quotas nas exportações mundiais. Em termos gerais, o efeito estrutura por produto negativo resultou sobretudo do peso significativo nas exportações portuguesas de produtos cujos mercados cresceram abaixo da média, em particular alguns produtos de baixa-tecnologia como têxteis, vestuário e calçado. Adicionalmente, a não especialização das exportações portuguesas na generalidade dos produtos de maior dinamismo, como é o caso de alguns sectores de alta-tecnologia, traduziu-se também num contributo negativo na maioria dos períodos. A distribuição geográfica das exportações portuguesas deu também um contributo negativo para a evolução das quotas de mercado totais nos últimos quarenta anos. Os efeitos geográficos negativos encontram-se sobretudo concentrados em três períodos distintos: 1972-76, 1977-81 e 1992-96. Esta evolução resultou principalmente de um maior peso nas exportações portuguesas de países cujos mercados cresceram abaixo da média, nomeadamente os países africanos de expressão portuguesa nos dois primeiros períodos e alguns mercados da União Europeia no período 1992-96. Em contraste, a elevada especialização relativa das exportações portuguesas nos mercados da União Europeia contribuiu significativamente para o positivo efeito estrutura geográfica observado no período 1987-1991. Nos períodos mais recentes, a evolução global das quotas de exportação portuguesas beneficiou da elevada importância relativa de Espanha como mercado de destino, dado o seu crescimento acima da média. Em contraste, no período 2002-2006, o principal contributo negativo resultou da não especialização das exportações portuguesas no mercado chinês, um dos mais dinâmicos do mundo nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

- Abreu, I. e Manteu, C. (1993), “Evolution of Portuguese export market shares (1981-91)”, Banco de Portugal, *Working Paper* 20.
- Amador, J., Cabral, S. e Maria, J. R. (2007), “International trade patterns in the last four decades: How does Portugal compare with other cohesion countries?”, Banco de Portugal, *Working Paper* 14.
- Balassa, B. (1965), “Trade liberalization and “revealed” comparative advantage”, *The Manchester School of Economic and Social Studies* 33(2), 99–123.
- Cabral, S. (2004), “Evolução Recente da Quota de Mercado das Exportações Portuguesas na União Europeia”, *Boletim Económico-Dezembro*.
- Cabral, S. e Esteves, P. S. (2006), “Quotas de Mercado das Exportações Portuguesas: Uma Análise nos Principais Mercados de Exportação”, Banco de Portugal, *Boletim Económico-Verão*.
- Cardoso, F. e Esteves, P. S. (2008), “Globalização, Alterações Estruturais das Exportações e Termos de Troca de Portugal”, *Boletim Económico-Primavera*.
- Cheptea, A., Gaulier, G. e Zignago, S. (2005), “World trade competitiveness: A disaggregated view by shift-share analysis”, *Working Papers* 2005-23, CEPII Research Center.
- De Saint-Vaulry, A. (2008), “Base de données CHELEM-commerce international du CEPII”, *Working Papers* 2008-09, CEPII Research Center.
- ECB (2005), “Competitiveness and the export performance of the euro area”, *Occasional Paper Series* 30, Task Force of the Monetary Policy Committee of the European System of Central Banks, European Central Bank.

- Esteves, P. S. e Reis, C. (2005), “Competitividade das exportações portuguesas: uma avaliação dos pesos da taxa de câmbio efectiva”, Banco de Portugal, *Boletim Económico-Inverno*.
- Foresti, G. (2004), “An attempt to explain the Italian export market share dynamics during the nineties”, *CSC Working Paper 47*, Centro Studi Confindustria, Italy.
- Francois, J., Manchin, M., Norberg, H. e Spinanger, D. (2007), *Impacts of textiles and clothing sectors liberalization on prices*, Report, The Kiel Institute for the World Economy, Germany.
- Leamer, E. E. e Stern, R. M. (1970), “Constant-market-share analysis of export growth”, in *Quantitative International Economics*, Aldine Publishing Company, Chicago, chapter 7, pp. 171–183.
- Loveridge, S. e Selting, A. C. (1998), “A review and comparison of shift-share identities”, *International Regional Science Review* 21(1), 37–58.
- Magee, S. P. (1975), “Prices, incomes and foreign trade”, in P. B. Kenen, ed., *International Trade and Finance: Frontiers of Research*, Cambridge University Press, USA, chapter 2, pp. 175–252.
- Milana, C. (1988), “Constant-market-shares analysis and index number theory”, *European Journal of Political Economy* 4(4), 453–478.
- Nyssens, A. e Pouillet, G. (1990), “Parts de marché des producteurs de l’UEBL sur les marchés extérieurs et intérieur”, *Cahier 7*, Banque Nationale de Belgique.
- OECD (2005), OECD Science, *Technology and Industry Scoreboard 2005*, OECD.
- Richardson, J. D. (1971a), “Constant-market-shares analysis of export growth”, *Journal of International Economics* 1(2), 227–239.
- Richardson, J. D. (1971b), “Some sensitivity tests for a “constant-market-shares” analysis of export growth”, *The Review of Economics and Statistics* 53(3), 300–304.
- Simonis, D. (2000), “Belgium’s export performance – a constant market shares analysis”, *Working Papers 2-2000*, Federal Planning Bureau, Belgium.
- Tyszynski, H. (1951), “World trade in manufactured commodities, 1899-1950”, *The Manchester School of Economic and Social Studies* 19(3), 272–304.

Anexo A – Decomposição geográfica

Os 79 países ou grupos de países incluídos na amostra são os seguintes:

Estados Unidos; Canadá; França; *BLEU*; Alemanha; Itália; Países Baixos; Reino Unido; Irlanda; Dinamarca; Finlândia; Noruega; Suécia; Islândia; Áustria; Suíça; Espanha; Grécia; Portugal; Turquia; Israel; Antiga Jugoslávia; Outros na Europa do Sul; Japão; Austrália; Nova Zelândia; União Sul-africana; Venezuela; Equador; México; Brasil; Argentina; Chile; Colômbia; Peru; Bolívia; Paraguai; Uruguai; Outros na América; Argélia; Marrocos; Tunísia; Egípto; Líbia; Arábia Saudita; Golfo; Médio Oriente (não OPEP); Nigéria; Gabão; Camarões; Costa do Marfim; Quênia; Outros em África; África *LDCs*; Indonésia; Índia; Coreia do Sul; Hong Kong; Singapura; Taiwan; Malásia; Filipinas; Tailândia; Paquistão; Brunei; Bangladesh; Sri Lanka; Outros na Ásia Oriental; Ásia Oriental *LDCs*; Antiga URSS; Bulgária; Antiga Checoslováquia; Hungria; Polónia; Roménia; Albânia; China; Vietname; Cambodja, Laos.

A composição das diferentes áreas/grupos de países é a seguinte:

- a. *BLEU* inclui Bélgica, Luxemburgo.
- b. Alemanha inclui antiga República Democrática da Alemanha até 1990.
- c. Antiga Jugoslávia inclui Sérvia e Montenegro, Bósnia e Herzegovina, Croácia, Macedónia, República da Eslovénia.
- d. Outros na Europa do Sul inclui Andorra, Chipre, Gibraltar, Malta.
- e. União Sul-africana inclui Botswana, Lesoto, Namíbia, África do Sul, Suazilândia.
- f. Outros na América inclui Anguilla, Antigua e Barbados, Aruba, Bahamas, Barbados, Belize, Bermudas, Costa Rica, Cuba, Dominica, República Dominicana, São Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, Montserrat, Antilhas Holandesas, Nicarágua, Panamá, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trindade e Tobago, e todos os restantes em América não especificado (n.e.).
- g. Golfo inclui Bahrain, Irão, Iraque, Kuwait, Omã, Qatar, Emirados Árabes Unidos.
- h. Médio Oriente (não OPEP) inclui Jordânia, Líbano, Síria, Iémen.
- i. África *LDCs* inclui Angola, Benin, Burkina Faso, Burundi, Cabo Verde, República Centro-Africana, Chade, Comoros, República Democrática do Congo (antigo Zaire), Djibouti, Guiné Equatorial, Eritreia, Etiópia, Gambia, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Madagáscar, Malawi, Mali, Mauritânia, Moçambique, Níger, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia.
- j. Outros em África inclui Congo, Gana, Maurícias, Seychelles, Sahara Ocidental, Zimbabwe, e todos os restantes em África n.e.
- k. Ásia Oriental *LDCs* inclui Afeganistão, Butão, Kiribati, Maldivas, Myanmar, Nepal, Ilhas Salomão, Vanuatu, Samoa Ocidental.
- l. Outros na Ásia Oriental inclui Fiji, Polinésia Francesa, Guam, Macau, Mongólia, Nova Caledónia, Coreia do Norte, Ilhas do Pacífico, Papua Nova Guiné, Tonga, Samoa Americana, e todos os restantes em Ásia e Oceânia n.e.

- m. Antiga URSS inclui Comunidade dos Estados Independentes (Arménia, Azerbeijão, Bielorrússia, Geórgia, Kazakistão, Kyrgistão, Moldávia, Federação Russa, Tadjiquistão, Turquemenistão, Ucrânia, Uzbequistão), Estados Bálticos (Estónia, Letónia, Lituânia).
- n. Antiga Checoslováquia inclui República Checa, Eslováquia.

Fonte: Base de dados *CHELEM*.

Anexo B – Classificação de produtos por intensidade tecnológica

		<i>ISIC rev.3</i>
Produtos de Alta-Tecnologia	HT	
Aeronáutica e aeroespacial	HT1	353
Produtos farmacêuticos	HT2	2423
Equipamento de escritório e informática	HT3	30
Equipamento de rádio, TV e comunicações	HT4	32
Instrumentos médicos, ópticos e de precisão	HT5	33
Produtos de Média-Alta-Tecnologia	MHT	
Máquinas e aparelhos eléctricos, n.e.	MHT1	31
Veículos a motor, reboques e semi-reboques	MHT2	34
Produtos químicos, excepto farmacêuticos	MHT3	24 excl. 2423
Equipamento ferroviário e equip. transporte, n.e.	MHT4	352 + 359
Outras máquinas e equipamentos, n.e.	MHT5	29
Produtos de Média-Baixa-Tecnologia	MLT	
Produtos da borracha e do plástico	MLT2	25
Outros produtos minerais não metálicos	MLT3	26
Construção e reparação naval	MLT4	351
Metalurgia de base	MLT5	27
Fabricação prod. metálicos, excl. maquinaria	MLT6	28
Produtos de Baixa-Tecnologia	LT	
Manufacturas n.e. e reciclagem	LT1	36-37
Madeira, pasta, papel e publicações	LT2	20-22
Produtos alimentares, bebidas e tabaco	LT3	15-16
Têxteis, vestuário, couros e calçado	LT4	17-19
Total indústria transformadora		15-37

Fonte: Base de dados CHELEM.

Nota: A decomposição por produtos utilizada neste artigo e disponível na base de dados CEPIL – CHELEM, segue a classificação da OCDE das indústrias transformadoras de acordo com a sua intensidade tecnológica utilizando a classificação ISIC rev. 3, mas exclui o sector MLT1 de "Refinados do petróleo, petroquímica e combustível nuclear". Esta classificação da OCDE baseia-se na análise das despesas em I&D de 12 países da OCDE no período 1991-99. Para mais informação, veja-se OCDE (2005).

Anexo C – Principais resultados anuais

ANÁLISE DE QUOTA DE MERCADO CONSTANTE DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS

(nominal, indústria transformadora excluindo energia)

	Variação das exportações portuguesas	Variação das exportações mundiais	Efeito Total	Efeito Quota de Mercado	Efeito Estrutura Combinada	do qual:		
						Efeito Estrutura por Produto	Efeito Estrutura Geográfica	Efeito Estrutura Mista
1968	7.8	13.8	-6.0	-0.9	-5.1	-3.5	-1.6	0.0
1969	13.2	14.9	-1.7	3.8	-5.6	-1.4	-2.2	-2.0
1970	9.6	15.9	-6.3	-5.6	-0.6	-3.6	1.8	1.1
1971	12.1	11.4	0.7	1.1	-0.4	1.2	1.2	-2.9
1972	24.8	19.7	5.1	-5.4	10.5	5.0	-0.8	6.4
1973	44.7	37.0	7.7	6.9	0.8	1.6	0.4	-1.1
1974	22.3	32.5	-10.2	-3.9	-6.4	-8.0	-4.7	6.4
1975	-14.4	5.8	-20.2	-12.4	-7.8	-3.6	-3.2	-1.0
1976	-6.4	11.2	-17.6	-13.1	-4.5	2.0	-3.5	-3.0
1977	11.4	14.7	-3.3	-4.2	0.9	-0.3	-1.1	2.3
1978	19.1	19.4	-0.3	3.7	-4.1	-0.8	-2.5	-0.8
1979	42.8	21.4	21.4	15.7	5.7	1.4	3.7	0.6
1980	31.1	16.8	14.3	15.4	-1.1	-2.0	-1.3	2.2
1981	-11.0	-1.9	-9.2	-2.2	-6.9	-0.6	-6.7	0.4
1982	4.1	-5.4	9.5	7.1	2.4	1.0	1.5	0.0
1983	9.1	-0.2	9.3	11.2	-1.9	0.5	-1.5	-1.0
1984	15.5	8.5	7.0	6.5	0.4	2.1	-4.4	2.8
1985	8.9	4.2	4.7	3.8	0.9	-1.1	1.6	0.5
1986	27.1	19.7	7.4	-1.4	8.8	2.0	7.6	-0.8
1987	29.9	19.2	10.7	4.1	6.6	2.6	4.8	-0.7
1988	18.5	17.4	1.0	3.0	-2.0	-3.2	-0.9	2.1
1989	14.0	8.0	5.9	7.5	-1.5	-0.3	0.3	-1.5
1990	28.1	12.9	15.1	7.8	7.3	1.5	5.1	0.7
1991	0.4	3.8	-3.4	-3.3	-0.1	1.1	-2.4	1.2
1992	13.6	8.5	5.1	5.7	-0.6	0.6	-1.9	0.7
1993	-17.1	-1.1	-16.0	-5.6	-10.4	-0.2	-10.9	0.7
1994	16.2	15.3	0.9	2.6	-1.7	-1.7	-0.5	0.6
1995	31.2	20.1	11.1	11.9	-0.8	-2.3	1.4	0.1
1996	0.4	3.3	-2.9	-2.0	-1.0	-0.1	-1.5	0.6
1997	1.5	5.3	-3.8	-1.4	-2.4	-0.5	-2.7	0.8
1998	4.0	0.6	3.5	-0.9	4.4	0.0	6.3	-1.9
1999	1.1	2.8	-1.8	-1.0	-0.8	-0.1	-1.2	0.5
2000	-1.2	9.1	-10.3	-1.2	-9.1	-2.4	-7.2	0.5
2001	-0.7	-2.6	1.9	-2.3	4.1	1.4	3.2	-0.5
2002	7.1	4.7	2.4	1.1	1.3	0.9	-0.2	0.6
2003	22.6	16.2	6.3	1.4	4.9	-0.1	3.6	1.4
2004	11.4	20.5	-9.1	-7.3	-1.8	-2.5	0.0	0.7
2005	-4.7	8.3	-13.0	-9.7	-3.2	-1.3	-2.0	0.1
2006	13.2	14.7	-1.5	-0.1	-1.4	-1.8	-0.2	0.5

Fontes: Base de dados CHELEM e cálculos dos autores.